



O CENTRO



PUBLICAÇÃO MENSAL E GRATUITA

Director e proprietario:
FERNANDO MIRANDAEditor:
JOÃO MIRANDABrinde do "Centro de Novidades,"
PAPELARIA, LIVRARIA E TYPOGRAPHIA
136--Rua D. Antonio Barroso--140Redacção e administração
Comp. e Imp.
CENTRO DE NOVIDADES--BARCELOS

Sem assumpto

Vamos começar este artigo sem ter primeiro escolhido o assumpto para aqui desenvolvermos com a nossa costumada e mais que provada competencia (modestia à parte, é claro).

Andamos mal, talvez, porque os nossos caros leitores não estão, certamente, resolvidos a aturar-nos.

Mas, como o tempo é dinheiro, segundo a opinião do inglez pratico, e nós, no nosso mister de jornalista (assim nos chamam) hemos de desperdiçar o menos tempo possível, para o aproveitarmos em proveito do «Centro de Novidades», entendemos, e parece-nos que não desacertamos, que o nosso dever é—commercialmente fallando—escrever desembaraçadamente, rapidamente, o mais resumido possível, para não desagradar e enfastiar muito, duas coisas que interessem o leitor, muito ou pouco, pois do contrario o tempo foge e o dinheiro perde-se.

Mas de que havemos de tratar?

Dos boatos phantasiados que se propagam pelo paiz fóra?

Mas isso é-nos vedado e mesmo o boato, hoje, é um phantasma terrivel, que nos aterrorisa a cada passo.

Por causa d'um boato reúne o conselho de ministros, ficam as tropas de prevenção, os cruzadores percorrem a costa, a policia vigia, as seitas reúnem e manobram, um conspirador recolhe ao aljube, espias e espões farejam, muitos patriotas fogem para logar seguro, os bancos esvaziam os cofres, a bolsa soffre baixas medonhas, etc., etc.

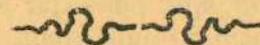
Digam-nos agora se o boato é ou não um phantasma, uma força estranha e extraordinaria que anniquila, vence e atemorisa, e se elle exerce ou não uma influencia enorme, quasi sempre perniciosa, no mundo politico e na vida economica d'um povo?

E' um perturbador e como tal perseguido. Mas, se o obrigamos a transpôr as fronteiras, elle toma então proporções assustadoras. A telegraphia, o cabo submarino, a alta reportagem poem-se em movimento continuo, a imprensa faz-se echo de phantasias, as mais absurdas e inconcebíveis, e tudo fica dominado pela força potentosa de um simples boato.

Não, não fallemos sobre semelhante assumpto. Não vá a liberdade divorciar-se de nós, desamparar-nos...

Fallemos antes de coisas que interessem ao «Centro de Novidades», mas, francamente, não nos occorre uma ideia que possamos aproveitar.

E sem assumpto não se pôde escrever. E' impossivel.



De raspão... na carqueja

Não imaginas, Ermelinda, como fiquei agora arrelhiada.

—Ora essa! Decerto arrelhas-te com pouco. Pois eu sou o contrario: só com muito é que dou sorte.

—Não calculas o que foi. Que vergonha!

—Então que escandalo foi esse de que te envergonhas?

—Tu não avalias o que foi. Se te acon-

tecesse o mesmo, eu veria como te arrelhiavas tambem.

—Mas que foi isso? Diz depressa, que estou com interesse em saber-o já. Pelo visto é coisa importante, de deixar a gente com a casa a arder...

—E' uma coisa, uma coisa que...

—E não largas a coisa da bocca!

—Deixa-me, que eu não fiquei boa.

—Então que te dóe?

—O que me ha de doer! Cá ninguem me tocou.

—Sim... está bem, mas eu julguei que te tinham chegado alguma coisa, tanto que ficaste muito arrelhiada e envergonhada.

—Estás a levar a conversa para o lado da brincadeira. E's uma menina muito engraçada!...

—Enganas-te, até fallo sério.

—Não te vejo rir, lá issó é verdade, mas...

—Não estou p'ra te aturar. Ou me dizes o que te aconteceu ou não me dizes nada. Não estou para massadas—repito.

—Digo-te, mas não te apresses. Espera um pouco. De vagar se vae ao longe.

—Então o que foi? Já vejo que preciso de ter paciencia. Fazes tanto misterio e estou a ver que não é nada de espantar.

—Eu digo-te já tudo. Agora, ao fim da tarde, seriam 4 horas, estava junto do jardim do largo da cadeia a conversar com o meu Lourenço.

Emfim, como o encontrei, fallei para elle.

Não quiz que elle dissesse lá com os seu botões que só na nossa aldeia é que lhe dava trêta, que por estar agora na villa já me considero uma fidalga, que só dá *cunfa* aos *lordes*. De repente uns rapazes que andavam no largo começam a fitar-nos, a sorrir-se e a fazer signaes uns aos outros. Eu desconfiei, mas não percebi nada.

—Não faças caso de rapazes. Olha que até o demonio fugiu d'elles.

—Deixa-me continuar. Os rapazes affastaram-se um pouco e pozeram-se a cantar alto:

«O' tio, você tem carqueja,
Você tem carqueja,
Você tem tacões,
Deite fôra a carquejinha
Se quer unir corações.»

O Lourenço deitou os olhos ao chão e corou.

Toda a gente olhava p'ra nós. Os rapazes não paravam com a cantiga. Que tratantes! E que figura ridicula nós faziamos ali!... Subiu então uma coisa por mim acima e não fiquei boa—acredita. E isto por causa da carqueja do meu Lourenço! Meu?

Não; agora não o quero. Um rapaz com carqueja!

—Isso devia ser bonito. Tenho pena de não presenciar.

—Oh! que arrelhia!... E quando o Lourenço retirou, os rapazes soltam gargalhadas e cantam então:

«O' tio, você tem carqueja,
Você tem carqueja,
Você tem tacões,
Faça d'essa carquejinha
Torcida p'ra lampeões.»

—Os rapazes são o demonio!

—O que me valeu, Ermelinda, foi ficar perto do «Centro de Novidades». Assim que me lembrei do Centro, deixei o Lourenço e metti-me lá. Eu já fazia conta de ir ahi, de forma que até quadrou. Comprei papel de carta e envelopes finos e um sabonete *Triumpho*, que custou um tostão e cheira muito bem, e outro sabonete *Maccaco* para limpar os vidros, que são a dois vintens e duram muito. Por fim comprei, cá com as minhas economias, uma cautella de trez vintens da lotaria. Vamos a ver se me sae a sorte grande.

—Ha de sair, ha de sair... espera por isso. Se te saísse, já ficavas com dote para casares com o Lourenço, não é assim?

—Não me falles mais nelle. Não quero rapazes com carqueja. Não quero... não.

—Ainda não é arranjo muito ruim. Elle ficou o outro dia herdeiro d'um tio, que por signal tinha trez contos.

—Isso não sei. Agora... conforme. Emfim, hei-de pensar. Com tres contos...

—Como estás a mudar!...

—Emfim, como me fallaste nos trez contos e elle, coitadinho, me tem muita affeição (quantas juras me tem elle feito!) a carqueja não deve importar muito ao caso.

Primeiro está o futuro d'uma pessoa e trez contos...

—A questão é que o tal tio devia quatro.

—Então com quantos fica elle? Eu lá de contos não sei fazer conta. Até a alguma libra ainda vou; d'ahi para cima não dou meia.

—Elle, pagando os quatro, está visto que fica com trez.

—Nesse caso fica com tudo e fica bem.

—Não fica mal, não, logo que pague os quatro com trez.

—Pagar quatro com trez... faz-me cá confusão.

—Sim, realmente a coisa é confusa.

—Hei de me pensar melhor. Convindo... muito bem. Eu tenho amisade ao Lourenço, não é mau rapaz e não é feio. Mas estou confusa e muito. Pagar quatro com trez... com quanto ficará elle? São contas grandes, que eu não sei. Rapazes com carqueja só com dinheiro. Sem elle e com carqueja... Engracia não está resolvida.

Fechaduras.

Leis da Republica

No «Centro de Novidades» encontram-se sempre á venda as leis promulgadas pelo governo provisorio da Republica.

Custam os preços das casas editoras de Lisboa e Porto.

A hygiene da bocca

«Um facto que está preocupando hoje toda a sociedade culta é a saude da bocca e belleza dos dentes.

Está scientificamente demonstrado que é por meio de substancias antisepticas, que se evita a fermentação putrida de materias organicas, a qual é a origem directa da deterioração dos dentes, das doenças da bocca e consequentemente dos órgãos digestivos reflectindo-se em todo o organismo.

Infelizmente uma grande quantidade de productos contrarios á hygiene dental invade o com-

mercio desvirtuando-o. Alguns fabricantes respeitaveis teem sabido conservar as boas tradições, esclarecendo-se com os bons conselhos da sciencia e introduzindo na perfumaria dental a antiseptia e banindo os productos irritantes.

A pasta dentifrica COURAÇA, deve usar-se não só para a desinfeção da bocca, como para branqueamento dos dentes e conservação do esmalte.

A glycerina que entra na composição da Pasta dentifrica COURAÇA tem qualidades muito apreciaveis pelos medicos mais eminentes para o combate de affecções cutaneas.

Os antisepticos de que se compõe a Pasta dentifrica COURAÇA, são classificados de poderosos e muito applicaveis internamente para combater muitas doenças.

A Pasta dentifrica COURAÇA contém principios balsamicos, que são tidos como excellentes para a boa conservação dos dentes e da mucosa da bocca, dando á pasta um sabôr agradabilissimo e uma acção refrigerante.

Emfim a Pasta dentifrica COURAÇA é absolutamente homogenea, suave ao tacto, não contendo corpo algum que lixe os dentes e deteriore o esmalte, como tantos outros ingredientes que infelizmente ha espalhados no commercio e que tão maus resultados dão.

Não contem acidos que embora em pequena quantidade possam corroer a camada protectora dos dentes e irritar a mucosa boccál.»

A pasta COURAÇA vende-se no *Centro de Novidades* e custa 200 réis.

Os nossos inqueritos

Todos nós temos um desejo, uma aspiração, um ideal.

Em régra, o homem é ambicioso. Ouvimos, é certo, a muitos individuos dizer: «eu não sou ambicioso» ou «as minhas aspirações são só estas» e, expondo-se singelamente, mostram-se desinteressados e esforçam-se até por se fazerem acreditar na sua affirmativa,

sem comprehenderem, talvez, que esta traduz ou uma aspiração já realizada ou uma aspiração não realizada ainda.

De modo que a ambição, satisfeita ou não, vive sempre no individuo. Ella, porem, póde ser—ou desmedida, e nesse caso faz do individuo um ganancioso, um aventureiro, que tudo quer absorver e tudo cubiça, ou limitada, e nesta hypothese chega a ser aceitavel.

Dirão agora os leitores: a que proposito vem isto?

Sem mais preambulos, vamos dizer já o que queremos.

Abrimos hoje um inquerito entre os nossos leitores para conhecer os seus desejos, as suas aspirações.

Será, sem duvida, um inquerito interessante e ao mesmo tempo um passa-tempo agradável.

Eis a pergunta que formulamos:

—O que é que o leitor mais deseja?

Têm a palavra os nossos caros leitores.

As respostas serão aqui publicadas, mas devem ser escriptas o mais resumidamente possível e em condições de merecerem a publicação, é claro.

Aguas Romanas

As melhores aguas de mesa.

Garrafa de 1 litro 170 reis; de 1 quarto de litro 100 réis.

Acceitam-se as garrafas vacias.

Deposito: «Centro de Novidades».

Gazetilha

*São João de Barcellinhos
Não se quiz fazer rogado,
Mas vae ser mui festejado
Com foguetes d'estalinhos,
Morteiros e bandeirolas,
Musicas, grande arraial,
No largo e no areal
Illuminado a copinhos*

*Será festa estrondosa,
Até ha mesmo quem diga
—Não me fio na cantiga—
Coisa tão esplendorosa
Nunca Barcellinhos viu.
Seja assim, deixe de ser,
O São João vae haver,
Com rija festa, pomposa:*

*De festas já nós fallamos.
Mudemos esta conversa
P'ra assumpto que nos int'ressa,
Pois não nos pagam reclamos.
Querem papel, enveloppes,
Tudo barato, de graça?
—Não julquem que isto é chalaça—
Só no «Centro» o encontramos.*

LIRÓ.

Quasi de graça!

Papel para cartas e enveloppes

Pacotes com 2 cadernos de bom papel (10 folhas) e 10 enveloppes, tudo por 20 reis!

Pacotes com a mesma porção de papel e enveloppes de melhor qualidade a 30 reis!

Livros para apontamentos a 20 e 10 reis.

Só á venda no «CENTRO DE NOVIDADES»
